

O Irã entre os Next Eleven

O conceito de Next Eleven foi cunhado pela Goldman Sachs em 2005 com o intuito de verificar quais seriam os países que, junto com os BRIC's, poderiam apresentar um sustentável nível de crescimento econômico ao longo das décadas subsequentes. Através da análise de documentos e artigos científicos publicados pela própria instituição financeira, observaram-se os critérios adotados para a escolha de um país como provável emergente. De acordo com o banco, Irã, Turquia, Vietnã, Coreia do Sul, Bangladesh, Indonésia, Filipinas, Paquistão, México, Nigéria e Egito seriam os mercados que, atrás de Brasil, Rússia, Índia e China, mais avançariam até 2050. Esse diagnóstico se faz ainda mais importante na medida em que os chamados países desenvolvidos enfrentam uma crise cuja solução ainda não foi encontrada. Assim, a pesquisa visa à análise das capacidades do Irã para que realize os prognósticos estipulados pela Goldman Sachs.

A avaliação das capacidades iranianas deu-se através do estudo dos alguns de seus principais condicionantes internos, tais como história, política e economia. Em relação a esse ponto, destaca-se de imediato a importância da Revolução Islâmica e do papel desempenhado pelos setores religiosos. Além disso, foram estudadas as razões do crescimento econômico pelo qual o Irã passou na última década, o que foi seguido por uma análise setorial da economia iraniana, com o intuito de averiguar suas potencialidades e fraquezas. Finalmente, procedeu-se ao exame de sua política externa, identificando as principais motivações, os constrangimentos sistêmicos e o desenrolar de suas relações bilaterais com os países dos quais busca se acercar e com aqueles que detrata. Essa exploração permitiu a estipulação de hipóteses relativas às perspectivas que há para os iranianos e à conjectura imaginada para este Next Eleven.

Embora o Irã tenha obtido altas taxas de crescimento econômico durante a década de 2000, ainda apresenta inúmeras dificuldades estruturais que emperram a sustentação de seu modelo. Além da elevada dependência do petróleo, o país atravessa muitos problemas políticos, pois sua agressiva retórica antiamericanista tem afastado eventuais parceiros, como China e Rússia, economias das quais os iranianos esperavam obter fontes de investimento, sobretudo no setor energético, o que não vem acontecendo nos últimos anos. Ademais, o polêmico projeto nuclear e as perspectivas de um confronto com Israel deixam o país cada vez mais isolado no sistema internacional. O Brasil, por exemplo, cuja diplomacia vinha se aproximando do Irã e de uma solução pacífica para suas disputas, alterou sua política externa para Teerã durante o primeiro ano do governo Dilma. Nessas circunstâncias, sem que haja uma grande alteração paradigmática, parece improvável que o vaticínio da Goldman Sachs se confirme.